

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Narrativas de Ficção – Prof. Dr. Dimas Antonio Kunsch

A
Extraordinária
Vida
do
Ordinário
Maicon

Pedro Luiz de Oliveira Costa Bisneto



R. A. 0 7 0 0 0 9 7 9

Introdução

Sendo este trabalho destinado ao meu professor-orientador, não preciso explicar os pontos de minha pesquisa de mestrado que procurarei vincular ao mesmo. Basta-me explicar o porquê escolhi os textos de **Eliane Brum** para a confecção deste *paper*. Mas qual a relação entre os textos da Eliane com a pesquisa deste orientando? Embora, a princípio, os dois pareçam não ter vínculo algum, na verdade, existe sim um forte vínculo entre ambos, para que o meu querido orientador possa compreendê-lo, vale aqui eu fazer de maneira breve um registro de como nasceu o meu projeto de pesquisa, de uma maneira que ainda não tinha feito anteriormente. Tenho certeza de que este texto será muito importante, tanto para que o Professor entenda melhor os objetivos deste *paper*, quanto o contexto e o objetivo maior que, tenho certeza ainda me ajudará muito a cumprir, a dissertação final deste curso de mestrado.

A origem do meu projeto

O meu projeto de pesquisa nasceu quando eu era professor do *UniFIAMFAAM*, vinculado ao curso de Comunicação Social, trabalhando no Campus Morumbi em São Paulo. Sendo um professor mensalista, as minhas obrigações iam além das aulas de computação gráfica, produção editorial e *webdesign*, eu completava a minha carga horária desenvolvendo projetos de *websites* e outros produtos gráficos para a instituição. Em 2005, a universidade montou uma

diretoria de pesquisa e todos os professores mensalistas, como eu, deveriam desenvolver projetos de estudo, vinculados às linhas de pesquisa que foram estabelecidas para esse fim. Inicialmente, isto foi um problema para mim, pois todas as linhas eram ligadas ao jornalismo, e a minha formação estava ligada à habilitação de produção editorial e Internet. A grande questão era: o que pesquisar? Partindo do fato de que a minha formação nada tinha haver com o jornalismo, percebi que esse era então o caminho da pesquisa: aprender o que vem a ser jornalismo. Esta talvez seja a minha hipótese inicial, o objetivo geral da pesquisa, aprender *jornalismo*. Aprender tudo sobre jornalismo, desde os seus primórdios até a atualidade, onde poderia então relacionar o tema com a minha área, puxando-o de encontro a um cenário mais familiar, quando o jornalismo tem o seu espaço também na Internet. O projeto era amplo sim, pois ele não foi concebido com o objetivo de se criar uma dissertação de mestrado, o objetivo das pesquisas dentro da diretoria que estavam inseridas, eram de fomentar atividades de iniciação científica, publicações e seminários entre outras coisas. Foi assim que se iniciou o projeto, apesar dele ter nascido por uma imposição da instituição em que trabalhava, a partir do momento em que eu comecei a desenvolver o tema, passei a me envolver com ele, fiz algumas leituras, relacionei com outras que fizera, montei uma bibliografia, busquei embasamentos, até chegar na versão que foi a apresentada à Cásper Líbero pela ocasião do meu ingresso no Mestrado. Vale dizer que pude contar com a ajuda de vários co-

legas nessa fase, professores que me ajudaram a desenvolvê-lo, foram meus orientadores na ocasião, e que vale o registro: a Prof^a. Dr^a. Mônica Martinez, Prof^a Dr^a. Mirtes Torres, e o Prof. Dr. Dilvo Peruzzo, responsável pela diretoria de pesquisa. A linha de pesquisa era *New Journalism*, mantida pelo Prof. Dr. Cláudio Tognoli. E na *atualidade*, as dicas imprescindíveis do Prof. Dr. Laan Mendes de Barros e a orientação do Prof. Dr. Dimas A. Kunsch. Professor, conto com Senhor.

O texto a seguir

A relação do texto a seguir com o meu projeto vai de encontro com o que foi colocado acima: aprender o que é jornalismo. Como um aprendiz de jornalista, entendo que para um dia o sê-lo, uma coisa se faz necessária: escrever. Inspirado pelos textos da jornalista Eliane Brum, é isto que tentarei fazer a seguir: escrever uma pequena narrativa da história de vida de uma pessoa comum, alguém que muitos diriam não apresentar nenhum motivo especial para que se escrevesse algo a respeito, e que nem por isso deixa de ter uma história interessante, extraordinária. Nesse sentido, a narrativa a seguir também segue a linha do filme-documentário

“Edifício Máster”, que nos mostrou um pouco da história de vida de várias pessoas anônimas. A narrativa parte do colocado pela jornalista Eliane Brum: ter um olhar aguçado para perceber o extraordinário dentro do ordinário¹, o que nos remete diretamente ao título da história que narrarei, a história de Maicon. O texto a seguir poderia ser classificado de várias formas, uma mini-biografia, jornalismo literário, jornalismo diversional ou jornalismo em profundidade. Eu diria que se trata de uma matéria com foco no humano, escrita em estilo literário. Independente de qualquer classificação, o que importa antes de tudo é a história a ser contada. A metodologia para o desenvolvimento desde *paper* foi muito simples, entrevistei Maicon por cerca de uma hora², onde ele contou a sua história de vida que, no papel, rendeu uma narrativa de 14.237 caracteres com espaço. O objetivo de *escrever* é o vínculo deste *paper* com a minha dissertação, e não obstante, também outros textos que desenvolvi durante os estudos do mestrado, diversas leituras complementares, e até mesmo, o meu *blog*³, apesar do sensacionalismo, iniciativas objetivadas à busca do entendimento das várias facetas do *jornalismo*, que vão além dos objetivos propostos na minha dissertação de mestrado.

¹ Em BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*, pág. 188.

² Em CD anexo.

³ <http://pedroom.blogspot.com>

A extraordinária vida do ordinário Maicon

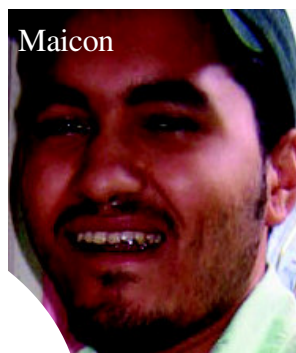
Maicon é uma pessoa comum, para muitos ele pode parecer um maluco, um contador de histórias, alguém “fora da realidade”, para mim ele é o perfeito cidadão pós-moderno, do *mundo* moderno, mesmo que ele nunca tenha parado para pensar nisso. Quem é Maicon, o que ele faz, onde vive? É difícil responder, Maicon é o típico ser humano nômade, está sempre em algum lugar diferente, fazendo algo diferente, com pessoas diferentes. Sua vida foi sempre assim, de lá pra cá, de cá pra lá, desde que sua mãe – uma *hippie*, como ele mesmo conta – saiu de São Paulo para ir morar em Belém do Pará, a sua cidade natal, onde tudo começou, à beira do Rio Tapajós. Foi lá que ela conheceu o seu pai,

um garimpeiro, com quem se casou e teve dois filhos: Maicon, o caçula, e uma menina. Esposa e filhos conviveram muito pouco com o pai, ele, na

maior parte do tempo se encontrava longe de casa, em algum lugar no meio da selva amazônica, cavando por ouro. Quando achava quantia suficiente do valioso minério para pagar a viagem ao garimpo, algo que só acontecia em intervalos de anos, a família pegava um avião em Santarém que os levava ao meio da selva, e lá mesmo passava algum tempo junta. E foi numa dessas viagens que Maicon e sua mãe se depararam com um dos terríveis males da vida

selvagem, a malária. Infectados ambos, a má sorte da mãe foi ainda mais cruel, além da malária contraiu a fatal hepatite preta, morrendo em poucos dias, próxima ao filho num hospital em Santarém. Embora gravemente efêrmo, Maicon sobreviveu, mas definitivamente o rumo de sua vida começava a mudar pra sempre, aos oito anos de idade.

Sem condições psicológicas de cuidar dos filhos, agora órfãos de mãe, o pai de Maicon enterrou a esposa e voltou ao garimpo. Além de mãe, Maicon e sua irmã então, passaram a ser órfãos de pai também, pois nunca mais o encon-



Maicon

traram no decorrer de suas vidas. Foram acolhidos por parentes dele, Maicon por uma madrinha de batismo que o encontrara ainda no

hospital quando ele se recuperava da malária, e sua irmã por uma tia. Maicon passou a viver em cima de um açougue no centro comercial de Santarém, onde traba-

lhava para ajudar sua nova “mãe de criação” – sua primeira profissão: ajudante de açougueiro. No tempo livre, brincava com os filhos dela, crianças como ele, seus novos irmãos.

Cerca de um ano depois, já feliz e readaptado à nova vida, num belo dia de sol, caminhava na rua quando ouviu uma voz chamando seu nome: “Maicon” – era um tio seu que vinha para buscá-los, ele e sua irmã, para morarem com parentes de sua falida mãe em São

*“ Com a fé
nele, Deus,
você conquista tudo ”*

Paulo. O tio estava à dias procurando pelo pequeno Maicon que há anos não via, que ninguém sabia onde estava, não se sabia para onde teria ido quando saiu do hospital, que sua

madrinha o adotara, e já era dado

como desaparecido pela família. Antes, talvez, não tivesse sido encontrado, afinal já tinha o carinho de sua madrinha, novos irmãos, uma nova família. Depois de deixarem Santarém, Maicon e sua irmã nunca mais encontra-

ram um lar amoroso. Os órfãos eram vistos como um estorvo para a família, apenas como mais bocas para se alimentar, sua irmã foi com o tio para a grande capital e Maicon, à muito contragosto, acabou na pequena cidade de Reginópolis, sertão paulista – à quatrocentos quilômetros de distância de sua irmã – onde

outra tia o recebeu com muito maltrato. Tinha que disputar a comida com seus primos, brigando por sobras e com a tia que escondia os alimentos. Fome era o prato que sobrava na mesa para

Maicon, de forma que logo cedo foi obrigado a trabalhar por seu próprio pão, antes de completar onze anos já estava na

lida. Conseguiu um bico de ajudante numa fábrica de tratores da região, onde recebia café e almoço, além de faturar “algum” com gorjetas, nos fins-de-semana vendia sorvete na cida-

de, às vezes, nem voltava pra casa, dormindo em qualquer lugar, na praça, no mato, longe da frieza de sua tia. Cansado dos mal-tratos dela,

conseguiu um cantinho na casa de sua avó, que lhe permitiu construir um

pequeno barraco de madeira adjacente à sua moradia. Foi onde, finalmente, Maicon conseguiu um pouco de sossego, onde nas noites frias se aquecia com um pouco de madeira e carvão que queimava num velho tambor de óleo.

Solidão? Jamais. Se a infância e a vida

de Maicon são marcas de dificuldades e abandono da família, isso jamais lhe afetou. Sem parentes amorosos, cercou-se de amigos, criou sua própria família, deixou a solidão passar distante de sua porta. Sempre foi comunicativo, carismático, bem humorado, dono de em

espírito empreendedor e prestativo, de forma que logo já era conhecido por todos na cidade, na escola, era amigo de todos os colegas.

Na adolescência, Maicon já havia

trabalhado em diversas firmas, lojas e

bares da cidade, além de algumas fazendas da região, rea-

lizava qualquer tipo de serviço manual, de modo que ainda criança, já con-

quistara a sua independência, já se sustentava sozinho. Além do trabalho, brincava no mato,

praticava esportes, nadava no rio da cidade e,

“ Quem sobrevive neste ninho de cobras que é São Paulo, sobrevive em qualquer lugar ”



Maicon e a sua família de amigos

como não poderia deixar de ser no país do futebol, adorava jogar bola, era forte, já “carregava piano” com catorze anos. Sempre gostou de música também, *reggae* e *black* são seus estilos prediletos. Antes de terminar o ginásio, Maicon já se mudara da casa de sua avó, morava no centro da cidade com alguns amigos, numa casa onde organizava os bailes da es-

cola. Foi nessa época que sua virgindade também passou a ser parte do passado. Até completar dezesseis anos, Maicon já tinha algumas ex-namoradas, a bola e o estilingue ficavam pra traz, o interesse agora era a vida à frente.

Veio para São Paulo, onde reencontrou sua irmã, já casada. Para a cidade grande, trouxe duas coisas que havia conquistado em sua vida: seu carisma e o espírito empreendedor, em posse disso, trilhar seu caminho na metrópole paulistana não lhe foi muito difícil, mas teve obstáculos para serem driblados. Num colégio interno, onde estudava e trabalhava – era auxiliar de cozinha e cultivava uma pequena horta de verduras – completou o colegial, e a sua maioridade legal também. A maioria trouxe algo a mais para Maicon, a liberdade. Em posse dela,

conseguiu um emprego numa grande firma multinacional, a *Leroy Merlin*, mudou-se da casa de sua irmã e foi morar sozinho no Jardim Bonfiglinoli, à beira da rodovia Raposo Tavares, bairro que até hoje reside, embora que numa dúzia de casas diferentes, ora sozinho, ora dividindo a moradia com amigos da vizinhança. Sem

rio para nadar, encontrou nas artes marciais um novo esporte para praticar, para aliviar o *stress* da *big city*, dedicou-se à arte do Morganti.

Trabalhou quatro anos na *Leroy*, de simples ajudante ascendeu à chefe-encarregado de setor – de “peão” à “patrão” – apren-



Maicon e uma de suas paixões, a culinária



deu de tudo um pouco, de operar empilhadeiras ao uso do computador, além de lidar com toda burocracia de uma grande empresa. Foi na *Leroy* que Maicon reencontrou um velho amigo de Reginópolis: Alê, o surfista, que lhe apresentou aquela que seria a sua nova paixão, o *surf*. Após algumas viagens com o velho amigo, Maicon já se tornara um apaixonado pela prática e o espírito de vida dos surfistas, já tinha sua prancha e todo equipamento necessário para prática do esporte, além do visual característico da *tribo* do surf, *tatoos*, bermudas e óculos escuros, sem-

pre que tinha uma folga ia para a praia com os *trutas*¹, curtir as ondas. Por coincidência, Alê era meu amigo também, um antigo companheiro das ondas, foi justamente numa dessas *surftrips*² que fizemos ao Guarujá, que eu conheci Maicon, há quatro anos atrás, quando ele tinha 21 anos. De lá para cá fizemos várias viagens e, como não poderia deixar de ser com alguém que se dispõe a ser amigo de todos que cruzam seu caminho, desenvolvemos um forte laço de amizade. Foi assim que eu aos poucos fui conhecendo a inigualável personalidade e sua fantástica história que hoje tento, de forma resumida, registrar nessas palavras, com a humildade de saber que seria necessário ao registro dela,



um extenso livro para detalhá-la com sua verdadeira riqueza, mesmo se tratando de um jovem com uma vida inteira pela frente. Como um amigo, posso acrescentar algumas características a esta figura. Acima de tudo, Maicon é uma pessoa muito humilde, trata todos com muito respeito e igualdade, é muito tranquilo e receptivo, adora um bom papo e é um excelente contador de histórias (incluindo as de pescador), daí também o desejo de se registrar a sua. É apaixonado por tudo que faz, busca realizar com perfeição todas as tarefas que se propõe a cumprir, é extremamente profissional. Está sempre disposto

a ajudar o próximo, com um pouco de inocência até, como diriam alguns. Vi com meus próprios olhos, ao meio da multidão, numa praia apenas iluminada pelos fogos de artifício da noite de *Reveillon*, salvar uma guria da morte, desacordada em coma alcoólico, abandonada, à mercê da sorte. Enquanto a multidão sequer percebia o que se passava, lá estava Maicon carregando a menina nos ombros em busca de um resgate. Ele é assim, sempre com a mão estendida, pronto para ajudar, tem um espírito irrequieto, sempre

agitando algo novo. Quem vai à sua casa, logo percebe isso, o bom anfitrião, os amigos batendo à porta. Além do calor humano, tem no seu canto poucas coisas, a cozinha – indispensá-

vel, alguns armários, enfeites, roupas, uma cama e um computador para ouvir música, assistir filmes e entrar no *Orkut*, nada que dê muito trabalho para se mudar. O que mais dizer sobre ele? É deixar sua história falar por si mesma.

Sem espaço mais para crescer na *Leroy*, acabou afastado da empresa, aproveitou a boa indenização que recebeu para investir em diversos cursos, tais como de gastronomia, *someliê* e gerenciamento de bares, restaurantes e hotéis. Conseguiu alguns trabalhos temporários com organização de eventos, festas e *buffets*, até mes-

mo como segurança, de bar em bar e festa em festa, conseguiu um bom emprego de *coupê* num famoso Sushi-Bar na zona sul da cidade. Como voltava tarde da noite do serviço, comprou uma moto para cumprir o trajeto casa-trabalho, foi quando se deparou com um dos grandes males da cidade grande, a violência do trânsito. Trafegando com sua moto ao farol verde, foi abalroado por um automóvel que se esvaiu pela cidade, em frente ao Shopping Iguatemi, esmagando-lhe a coxa esquerda. Acor-

dou num leito de hospital com muita dor, mas feliz por estar vivo. Foi operado, o osso da perna reconstituído com titânio, foram meses de recuperação no hospital, onde recebia poucas visitas – algumas minhas, quando até assistimos pela TV o Corinthians ser campeão em 2005, outras de sua irmã – e mais meses e

me e - ses fazendo fisioterapia, tomando remédios que lhe custaram toda a poupança, andando de muletas, morando na casa de sua tia que o amparou, a mesma que acolhera sua irmã anos antes. O tempo parado serviu para repensar a sua vida, aproveitou o chá de cama para a leitura de livros sobre a filosofia de vida oriental, que sempre o interessou, sentia saudades do mar e percebeu que ali estava o seu destino, viver próxi-

mo às ondas, ao surf, onde encontraria paz para o corpo e o espírito.

O tempo passou e Maicon se recuperou completamente, vendeu o que restava da moto, voltou ao trabalho no Sushi-Bar, alugou um novo cantinho, voltou ao surf e até mesmo ao Morganti. Pouco tempo depois, se transferiu para outro bar, onde foi gerente. Sua personalidade muito amigável não combinava muito com a postura mais

fria necessária a tal profissional, de modo que não se identificou com a nova profissão, demitiu-se e foi buscar novas alternativas. Enquanto não encontrava algo “novo” para fazer, fez o que sempre fizera, vários bicos. Continuou trabalhando com festas e *buffets*, fazia inclusive pirofagias circenses, e até mesmo um filme de cinema ajudou a produzir. Com um celular na mão, fez vá-

rios contatos, acabou reencontrando um velho amigo, músico, que tocava numa banda de *reggae*, este, por sua vez, lhe apresentou para outro amigo, que era *DJ*. O *DJ* convidou Maicon pra trabalhar na produção de eventos, de festas *rave*. Numa dessas festas, fez novos contatos que o levaram para um novo ramo, o mundo da moda. Abriu uma firma, a “Progresso Modas” e passou a revender roupas, estilo jovem, *jeans* e *surfware*, em diferentes lojas e cidades, algo



muito fácil para alguém simpático e comunicativo como Maicon, trabalhando por conta própria e lidando diretamente com o público. Tornou-se um vendedor e fornecedor ambulante, estilo caixeiro-viajante, seguindo diversos eventos, *raves*, shows, festas de peão e também campeonatos de surf, sempre trabalhando com roupas ou organizando festas, como *promoter* ou *barman*, com um *quê* de figurinista também. Hoje viaja bastante para o litoral paulista, onde além dos campeonatos, fornece roupas para diversas lojas praianas e aproveita o tempo que sobra para surfar e tomar uma cervejinha com os amigos caixaras.

O nome de sua empresa, “Progresso”, não parece ser mero acaso, com mais de desessete mil quilômetros rodados vendendo roupas pelo estado de São Paulo, Maicon comprou um Fusca, um investimento para a firma, para aumentar mais e mais ainda a sua quilometragem. In-

felizmente, deparou-se com outro problema característico da megalópole paulistana, os ladrões de veículos. A pé novamente, não desanimou, em pouco tempo já recuperou o valor perdido e agora pensa em investir num terreno. Onde? Está buscando um “bom negócio”, “um lugar tranqüilo”, onde possa prosperar, até casar e ter alguns *bambinos*. Seu sonho é morar em Florianópolis ou na Bahia, montar o seu próprio restaurante, que até nome já tem: *Buffet* “Restaura do Surf”. Para o futuro, tudo que deseja é viver em algum lugar onde possa ver o mar “todos os dias”. Acredita que “quem sobrevive neste ninho de cobras que é São Paulo, sobrevive em qualquer lugar”. Seja qual for o seu objetivo, seu destino, ou os seus *destinos*, temos certeza de que ele os alcançará, o que com toda a simplicidade e olhando à Deus, é o próprio Maicon quem nos diz: “Com a fé nele, você conquista tudo”.

■

Referências

CARRARO, Renata. *Jornalismo subversivo se faz com o olhar* (snd).

CASATTI, Denise. *Uma pessoa é mais importante do que a matéria* (snd).

BRUM, Eliane. *O colecionador das almas sobradas* (pp 48-50) e *O olhar insubordinado* (pp 187-196) in *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre-RS: Arquipelago, s/d.

Edifício Master. Dir. Eduardo **Coutinho**. Brasil: Videofilmes, 2002.

RINCÓN, Luiz Eduardo. *A Jornada do Herói Mitológico* in *II Simpósio de RPG & Educação*. São Paulo: Uninove, 22 à 24/09/2006.

¹ Amigos que praticam surfe juntos. *N. do A.*

² Viagem para a praia com objetivo de surfar. *N. do A.*

Anexo - Diagrama do herói, a jornada mitológica de Maicon

Apenas para uma pequena reflexão em cima da história narrada, identificamos os aspectos mitológicos da vida de Maicon, relacionando-os com a análise do herói mitológico de Joseph Campbell (através do roteiro proposto por Christopher Vogler), reproduzida no quadro a seguir.

1º Ato – Apresentação		
Mundo Comum	A família	Belém do Pará
Chamado à aventura	Morte da mãe, abandono do pai, separação da <u>irmã</u>	
Recusa ao chamado	Não queria deixar sua madrinha em Santarém para viver em <u>Reginópolis</u> longe de sua irmã	
Encontro com mentor	Seus amigos	Irmã (durante o colegial); <u>Alê</u> , mentor do <u>surf</u> ; DJ, mundo da moda e outros amigos
Travessia do primeiro limiar	Morte da mãe; vinda à <u>Reginópolis</u> ; vinda à São Paulo	Arma mágica: <u>prestatividade</u> , <u>amigabilidade</u> Elixir: <u>independência</u>
2º Ato – Conflito		
Aliados e inimigos	Inimigos: Indiferença da família	Aliados: Seus amigos; Irmã (em SP); <u>perseverança</u>
Testes	Fome, necessidade de <u>subsistência</u>	Busca por trabalho, <u>sustento</u>
Aproximação da caverna oculta	Encarar a <u>vida sozinho em São Paulo</u>	<u>Maioridade</u>
Provação suprema	Acidente de moto	
Recompensa	<u>Chance para um recomeço</u> ; pausa para refletir sobre o destino	
3º Ato – Resolução (futuro)		
Caminho de volta	Mundo da culinária	<u>Buffet</u> “Restaura do Surf”
Ressurreição	Sonho de morar na praia, <u>Florianópolis</u>	Casamento, <u>filhos</u>
Retorno com o elixir	Prosperidade, paz <u>interior</u>	Liberdade